Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina
ISBN: 978-85-7205-159-0

O Painel dos Povos Indígenas de Poty para o Memorial da America Latina

Marcelo Mendes Chaves
FAAT Faculdades
Doutorando -PROLAM-USP
marcellomendez@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo tem por finalidade iniciar uma discussão acerca da concepção intelectual de Darcy Ribeiro para o Memorial da America Latina, especificamente em relação ao tema indigenismo e a elaboração do Painel POVOS INDÍGENAS de Poty Lazzaroto na série produzida em parceria com o artista Carybé, para o Salão dos Atos, que integra o já mencionado complexo arquitetônico.

Palavras-chave – Darcy Ribeiro, Poty Lazzaroto, Indigenismo, Arte latino-americana e Memorial da América Latina.

Resumen: En este artículo se pretende abrir un debate sobre la concepción intelectual de Darcy Ribeiro para el Memorial de América Latina, específicamente por el indigenismo y la preparación del Panel PUEBLOS INDÍGENAS de Poty Lazzarotto en la serie producida en colaboración con el artista Carybé, para el Salón de Actos integrando el conjunto arquitectónico mencionado.

Palabras-Clave – Darcy Ribeiro, Poty Lazzarotto, Indigenismo y Memorial de America Latina.

> 'Quem sou eu?' Às vezes me comparo com as cobras, não por serpentário ou venenoso, mas tão-só porque eu e elas mudamos de pele de vez em quando. Usei muitas peles nessa minha vida já longa, e é delas que vou falar. (APUD RIBEIRO,1995).[1]

Educador, pesquisador, antropólogo, político, escritor e imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), em sua trajetória realizou muitos projetos, a maioria de relevância, como podemos citar, a criação da Universidade de Brasília, de centros culturais e educacionais, com destaque para os Cieps, Centros Integrados de Educação Pública; foi ministro da educação e ministro chefe da Casa Civil na gestão do Presidente João Goulart; vice-governador do Rio de Janeiro em 1982; secretário de Cultura e coordenador do Programa Especial de Educação; senador da República de 1991 a 1997, ano de sua morte. No seu período de exílio, viveu em diversos países da America Latina onde atuou como pesquisador, professor e reformador do ensino universitário, a exemplo do Uruguai, Venezuela, Chile, Peru e México.

[1] disponível: http://www.fundar.org.br/fundacao/abre.php?abre=50)

ISBN: 978-85-7205-159-0

Podemos classificar uma dessas peles como indispensável para nossa reflexão: a do etnólogo. Ainda como discente pela Escola Livre de Sociologia de São Paulo, Darcy estabelece uma relação próxima com o antropólogo alemão Hebert Baldus, professor da disciplina Etnologia Brasileira e diretor da seção etnológica da revista Sociologia, do Museu Paulista. Nessa ocasião, Baldus, que orientava seus estudos etnológicos, o indica ao presidente do Conselho Nacional de Proteção ao Índio, Marechal Rondon, iniciando, desse modo, sua atividade profissional no cargo de etnólogo daquele órgão. A forma com que Rondon discutia a questão indígena, no sentido de proteção aos índios acima de tudo, faz despertar uma grande admiração no jovem antropólogo.

> Olhem este homem. É o Darcy. Ele está aí no meu lugar. Estou velho, não aguento mais uma viagem longa do Rio até aí. Olhem bem para ele. Seus olhos são meus olhos, olhando tudo para vir me contar. Seus ouvidos são meus ouvidos. Eles ouvem tudo o que vocês disserem para repetir aqui para mim. Prestem atenção na sua boca. Tudo que ele falar, sou eu, Rondon, quem está falando aos *Bororo* (APUD, RIBEIRO, 2010, p. 32).

No intuito de documentar e entender o processo de aculturação que esses povos vinham sofrendo, Darcy pesquisou diversas etnias, entre elas - *Bororo, Xokleng, Kaiowá, Terena, Ofaié, Guarani*, com maior destaque aos grupos - *Kadiwéu* e *Kaapor*. Esse intenso trabalho de campo produziu vários artigos e alguns livros, dentre eles - *Religião e Mitologia Kadiwéu* (1950), vencedor do Prêmio Fábio Prado de Ensaios; *Arte Plumária dos Índios Kaapor*, escrito em parceria com sua então esposa, a antropóloga Berta G. Ribeiro; e *Diários Índios – Os Urubus-Kaapor* (1996), edição sem retoques dos diários de campo, compostos entre 1949 e 1951, escritos em forma de carta a Berta; *Uirá sai à procura de Deus –Ensaios de Etnologia e Indigenismo (*1970), obra adaptada para o cinema por Gustavo Dahl. Darcy passa aproximadamente dez anos nas aldeias do Pantanal e da Amazônia, onde participa intensamente da criação do Parque Indígena do Xingu, ao lado dos irmãos Villas Boas, Orlando, Claudio e Leonardo e cria também o Museu do Índio, no Rio de Janeiro., uma das grandes alegrias do Marechal Rondon.

Em "Falando dos Índios" (2010), RIBEIRO comenta sobre a UNESCO e o entusiasmo sobre a democracia racial brasileira, formada em decorrência da livre mestiçagem de índios, negros e brancos, bem como a admirável assimilação dos povos indígenas com a cultura do colonizador. Em 1952, a UNESCO escala comissões para averiguação tanto de um, como do outro fenômeno social. A primeira ficaria sob a supervisão de Charles Wagley e Thales Azevedo e suas respectivas equipe; uma segunda equipe em São Paulo, a cargo de Roger Bastide e de Florestan Fernandes, para analisar ali a relação entre brancos e negros. A terceira, formada por Luiz de Aguiar Costa Pinto, direcionou o olhar para as relações

ISBN: 978-85-7205-159-0

raciais no Rio de Janeiro; uma outra em Pernambuco, sob a coordenação de Renne Ribeiro. Entretanto, nos quatro estudos de caso os cientistas chegaram à mesma conclusão – Não havia nenhuma democracia racial nas respectivas áreas.

> Nesse quadro, coube a mim o estudo da assimilação dos índios na sociedade brasileira, que, pelo simples convívio, se transformariam em brasileiros autênticos, esquecendo suas origens. Também aqui o resultado foi decepcionante. Em todos os casos que pude observar, nenhum grupo indígena se converteu numa vila brasileira. E certo que, como os historiadores indicam, diversos locais de antiga ocupação indígena deram lugar a comunidades neobrasileiras. Não houve porem nenhuma assimilação que transformasse índios em brasileiros. Os índios foram simplesmente exterminados através de varias formas de coação biótica, ecológica, econômica e cultural. Seu antigo habitat foi ocupado por outra gente, com a qual eles nunca se identificaram e que cresceu com base em outras formas de adaptação ecológica, tornado-se rapidamente independente de qualquer contribuição da comunidade indígena (RIBEIRO, 2010, p. 24).

Para RIBEIRO, "o cerne do fenômeno humano e a comunidade étnica, a unidade essencial, ou seja, o lugar onde o homem se produz – não há homem sem comunidade étnica" (2010, p. 41). A partir dessa linha de pensamento, o autor considera a língua e a cultura como potencialidades para se desenvolver a personalidade e a condição humana, pois é ela própria, a comunidade, a portadora de uma cultura que possa vir humanizar. Por meio do convívio na comunidade e da apropriação da língua do seu povo, os saberes tradicionais são transmitidos e pela oralidade podem perpetuar. Segundo RIBEIRO, a condição humana é alcançada pela comunicação através da fala.

Cada comunidade étnica tem o domínio de seu corpo de saberes e técnicas, por meio dos quais se relaciona com a natureza, subtraindo o que necessita em nutrição e entendimento, não havendo de forma alguma possibilidade de um comparativo com o reino animal, que por sua vez tem uma adaptação biológica e inata.

> Estudei os índios do Brasil a partir da perspectiva corrente de então, segundo a qual, em contato com agentes da civilização, eles seriam deculturados e aculturados, por absorção da língua e da cultura alheia, desaparecendo totalmente, assimilados no corpo da nova sociedade. Os fatos mostraram o contrario – uma comunidade, tendo as condições mínimas de manter o convívio entre seus membros, resiste e permanece (RIBEIRO, 2010, p. 47).

Ao elucidar a questão, RIBEIRO nos explica que a continuidade histórica dada pela sucessão dentro de uma mesma tradição transmite um legado pelo orgulho de serem eles próprios. A configuração

ISBN: 978-85-7205-159-0

original de uma comunidade étnica é a de um grupo singelo, com um número limitado de pessoas, fundamentalmente definido pelos recursos naturais de seu próprio habitat.

O maior desafio de Darcy Ribeiro foi procurar entender e classificar o Brasil em toda sua extensão territorial e diversidade, seu multiculturalismo, analisar uma nação jovem, em plena formação e vigor. Em virtude do distanciamento promovido e provocado pelo exílio político, ele começa a ter argumentos e material para aprofundar sua pesquisa que irá culminar no seu último livro "O POVO BRASILEIRO", cuja análise se dá não sobre uma nação, mas em decorrência de várias nações dentro de uma mesma nação, oriundas da confluência de três matrizes – A Matriz Tupi, A Matriz Afro e A Matriz Lusa.

> A America Latina e o grande continente em ser. Muitas vezes encontro, pelo mundo afora, quem me pergunta pela America Latina partindo de suas atitudes absolutamente contrapostas. Existem aqueles que nos veem como um todo, sem distinguir o Brasil da Costa Rica ou o Chile do México, e são incapazes de observar nossas diferenças. E existem aqueles que nos veem somente sob a óptica da separação, incapazes de observar nossas semelhanças, nossos pontos de identidade.
> Também ouço falar, com muita frequência, que o principal problema da America Latina e sua falta de integração. Pois bem – em pelo menos dois planos, o linguístico e o cultural, não há região mais integrada no mundo. [...] Na America Latina existe uma unidade linguística e a ela corresponde uma unidade cultural. (RIBEIRO, 1990, p. 20).

Apesar de uma certa homogeneidade cultural, existem significativas diferenças entre os latino-americanos, uma delas e a que separa os povos da America em três categorias – os povos testemunho, os povos transplantados e os novos povos.

Povos testemunhos são os provenientes de altas civilizações, que guardam a memória de sua grandeza e enfrentaram o terrível drama de fundir sua cultura atávica com as novas culturas.

Os povos transplantados vieram para reconstruir sua paisagem original em novas latitudes e encontraram culturas originais fortes como a dos Guaranis. São exemplos a Argentina e o Uruguai.

RIBEIRO classifica também os novos povos, (gente feita pelo desfazimento) na medida em que etnias indígenas e negras, trazidas pela diáspora, iam se desfazendo e formavam uma nova cultura, o amalgama do novo ser latino-americano.

A aproximação entre Darcy e Poty provavelmente se deu em torno da criação do Parque Nacional do Xingu. Em 1968, o artista e convidado a participar de uma das inúmeras expedições realizadas para a região a fim de catalogar e registrar os usos e costumes dos povos tradicionais da floresta. Durante esse período Poty produziu cerca de 200 desenhos. Posteriormente realizou também uma série de desenhos na

ISBN: 978-85-7205-159-0

mesma temática para a BBC de Londres, que foram utilizados como introdução aos créditos de um documentário sobre o Xingu. Como resultado dessa experiência, alem de ilustrar outros trabalhos de Orlando e Claudio Villas Boas, ilustrou o romance "Maira" de Darcy Ribeiro.

Na atividade de ilustração, Poty emprestou seu enorme talento para títulos de Graciliano Ramos, *São Bernardo*; Jorge Amado, *Capitães de Areia*; Euclides da Cunha, *Canudos*; Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas, Quatro Contos, Helena* e *Iaiá Garcia*; Guimarães Rosa, *Grande Sertão Veredas, Corpo de Baile* e *Magma*; Gilberto Freire, *Assombração do Velho Recife*; José de Alencar, *Cinco Minutos* e *Iracema*; Manuel de Barros, *Gramática Expositiva do Chão*; Franz Kafka, *Parábolas e Fragmentos*; Raquel de Queiroz, *O Quinze*; Herman Melville, *Moby Dick*; Dalton Trevisan, *Crônicas de Curitiba, Em busca de Curitiba Perdida, Dinorá, Ah, é, Cemitério de Elefantes*; Anton Pavlovich Chekhov, *Contos de Chekhov*. Anteriormente, em 1944, realizou ilustrações para os artigos de Ademar Cavalcanti e Carlos Drumond de Andrade no jornal "Folha Carioca".

Poty (Napoleon Potyguara Lazzarotto) formou-se pela Escola Nacional de Belas Artes em 1945, em decorrência de uma bolsa de estudos indicada pelo interventor do estado do Paraná Manoel Ribas. Participou do Liceu de Artes e Ofícios de Carlos Oswald. Mudou-se para Paris em 1946, para realizar um curso de artes gráficas, com duração de dois anos, patrocinado pelo governo francês, ocasião em que se interessou pela litografia, estudando na École Supérieure des Beaux-Arts, com bolsa do governo francês. De volta ao Brasil, residiu em São Paulo no início da década de 1950, quando organizou e ministrou cursos de gravura e desenho no MASP- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Foi gravador, desenhista, ilustrador, ceramista, professor e muralista, atividade em que se destaca desde 1950. Poty executou painéis, murais e exposições em Portugal, França, Inglaterra, Bélgica, mas é na cidade de Curitiba que se concentra seu grande acervo de arte pública. Em 2014 os Painéis localizados em áreas públicas foram reconhecidos como Patrimônio Cultural do Estado do Paraná e tombados pelo CEPHA – Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico.

A iniciativa pública da cidade de Curitiba criou um circuito cultural para a visitação dos painéis de Poty intitulado Poty by Byke, onde o cidadão pode vislumbrar 14 obras: "O Movimento Escoteiro" (1994), "Alegoria do Paraná" (1987), "1° Centenário da Emancipação Política do Estado do Paraná" (1953), "Teatro no Mundo" (1969), "A Catedral" (1993), "O Largo da Ordem" (1993), "Imagens da Cidade" (1996), "Tropeiro" (1995), "Historia de Curitiba" (1967), "Historia do Paraná" (1972), "As

ISBN: 978-85-7205-159-0

Quatro Estações" (1984), "Vagão do Armistício"[2], "Movimento dos Guarda Ferro" (1983) e "Evolução do Saneamento Básico" (1996), alem do painel que narra a "Evolução das Comunicações" (1993) da Torre Panorâmica e mais dois painéis sobre a História da Aviação no Aeroporto Internacional Afonso Pena, ambos de 1964, "A Porta para o Mundo" e "O Eterno Sonho". Abarcando um período de 43 anos de produção, que vai de 1953 ate 1996, há destaque para cinco painéis que trazem a figura do Índio, a maioria produzido antes da serie de painéis para o Memorial da America Latina. São eles:

- Alegoria do Paraná
- 1° Centenário da Emancipação Política do Estado do Paraná,
- Imagens da Cidade
- Historia de Curitiba
- Historia do Paraná
- Evolução das Comunicações

> A noção de ''patrimônio cultural'' – segundo a Convenção da Unesco que rege estas ações – abrange bens tão variados como monumentos, grupos de edifícios, esculturas, pinturas, inscrições, cavernas e lugares que tem ''valor universal excepcional'' por seu caráter histórico, estético, arqueológico, cientifico, etnológico ou antropológico. A este heterogêneo conjunto de bens materiais a Unesco acrescentou manifestações do que chama de ''patrimônio cultural imaterial'' – criações orais, saberes, rituais festivos e técnicas artesanais (CANCLINI, 2012, p. 69).

Ao complementar o pensamento de RIBEIRO a respeito da Cultura latino-americana, CANCLINI considera que as culturas visuais devam ser analisadas dentro de seus territórios, porém, sem deixarmos de lado o papel da mídia, do turismo, a expansão e decomposição urbana, as migrações globais e a rede digital. Por um outro lado, ''Arte e Patrimônio'' estão diretamente ligados às demarcações sociológicas, que contribuem na definição dos lugares das artes no mundo contemporâneo. Mesmo a realidade e suas representações virtuais não são e nem podem estabelecer uma intertextualidade sem centro, ou seja, a trajetória de uma reflexão estética, pois como afirma PONTY (apud CANCLINI, 2012, p. 67) *toda*

[2] Vagão do Armistício – Pequeno restaurante que o ferroviário Isaac Lazzarotto e sua esposa, Julia, pais de Poty, criaram no final dos anos 30, para ajudar no sustento da família. O nome é referência ao vagão-restaurante que ficava na Floresta de Compiegne, no norte da Franca, onde, em 1918, foi assinada a rendição da Alemanha e definido o fim da Primeira Guerra Mundial. Dentre seus vários fregueses ilustres, estava o governador Manoel Ribas, que se encantou com a arte e os belos desenhos do garoto Poty. O encontro no vagão alavancou sua carreira. Assim que terminou o ginásio, ele recebeu uma bolsa de estudos para estudar na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Fonte: Catálogo Coleção Roteiros Turísticos: *Poty By Bike*.

ISBN: 978-85-7205-159-0

cultura continua o passado. A discussão sobre originalidade e singularidade perpassa a história social e particular de cada grupo, tendo como possíveis objetivos a organização das diferenças, classificação de objetos e lugares, e, intervenção em sua propagação e interpretação, mas sem incorrer na sobrevalorização da etnia, classe ou época, porque buscando superar o etnocentrismo, podem desse modo construir critérios de hierarquização com pretensões universais.

> Os bens reunidos na historia por cada sociedade não pertencem realmente a todos, embora formalmente pareçam ser e estar disponíveis para todos. Ao analisar como se transmite o saber de cada sociedade nas escolas e nos museus, vemos que os grupos se apropriam da herança cultural de modos diferentes e desiguais (CANCLINI, 2012, p. 72).

É preciso estarmos atentos à distribuição geocultural do valor, levarmos em conta o prestígio histórico e simbólico diante do saber científico, no trabalho com conceitos e metáforas, promovendo a cumplicidade social na reelaborarão do sentido desses bens ou símbolos patrimoniais dentro de uma reflexão artística. Em virtude das tensões nascidas da inovação e consolidação cultural, o uso institucional e mediático se faz necessário à reinterpretação sobre a mundialização do local, para não incorrermos no vazio como patrimônio.

> A adoção da modernidade não substitui necessariamente suas tradições. Com frequência, os indígenas são ecléticos porque descobriram que a pura preservação das tradições nem sempre e o caminho mais apropriado para se reproduzirem e melhorarem sua situação. Como mostramos num livro anterior- a propósito das mudanças no artesanato, as reformulações negociadas de sua iconografia e praticas tradicionais são táticas para expandir o comercio e obter dinheiro, com o objetivo de melhorar sua vida cotidiana. O consumo multicultural, com que procuram satisfazer suas necessidades aproveitando os seus recursos tradicionais e os de diferentes sociedades modernas confirma esta reorientação sutil dos setores populares, mas cabe perguntar se essa versatilidade como produtores contribui para que sejam cidadãos (CANCLINI 2005, p. 198).

CANCLINI elucubra a vigência de repensarmos a cidadania, redefinir o conceito de identidade, de classe e do popular, um recurso-chave na atual crise, momento no qual vivemos o esgotamento do romantismo e do nacionalismo como bases ideológicas. Os espaços de negociação de bens simbólicos e políticos se diluem devido à reorganização dos mercados.

> Diante destas transformações contemporâneas que relativizaram os fundamentos das identidades nacionais, alguns setores creem encontrar nas culturas populares a ultima reserva das tradições, as quais poderiam ser julgadas como essenciais resistentes à globalização. A revitalização de nacionalismos e etnicismos na ultima curva do século XX pretende reduzir o trabalho histórico da construção e readaptação incessante das identidades a simples exaltação de tradições locais (CANCLINI, 2005, p. 197).

ISBN: 978-85-7205-159-0

De acordo com APPADURAI (APUD CANCLINI, 2005, p.196) existem pelo menos cinco processos contemporâneos que desafiam a caracterização teórica e nacionalista de identidades isoladas.

a. *Etnoscapes,* ou seja, movimentos populacionais de imigrantes, turistas, refugiados, exilados e trabalhadores sazonais.

b. *Tecnoscapes***,** ou seja, os fluxos produzidos pelas tecnologias e corporações multinacionais**.**

c. *Finanscapes,* os intercâmbios de moeda em mercados internacionais.

d. *Mediascapes,* repertórios de imagens e informação criados para serem distribuídos em todo o planeta pelas indústrias culturais.

e. *Ideoscapes,* modelos ideológicos representativos daquilo que se poderia chamar de modernidade ocidental – as concepções de democracia, liberdade, bem estar e direitos humanos que transcendem as definições das identidades particulares.

Entretanto, como afirma CANCLINI (2005, p. 1096), "a estas matrizes ideológicas acrescentaria outras formas de pensamento tradicional e não ocidental (orientais e latino-americanas, por exemplo) que se difundem em vários continentes". Incorreríamos num grave equívoco, ao considerar membros da sociedade como elementos de uma única cultura homogênea, tendo, portanto, uma única identidade conhecida e coerente.

> Não, os povos deste lado do mundo não se estruturaram para si mesmos. Aqui, e muito baixo o nível de consciência critica, tanto entre a nossa intelectualidade quanto entre a própria população. Nunca pudemos desenvolver a plenitude o sentimento de nossa identidade comum. Fizeram com nos voltássemos muito mais para fora, do que para o nosso próprio mundo. O Brasil tem quinze milhões de quilômetros de fronteiras com a America hispânica, mas tem um contato mínimo com seus vizinhos. Os chilenos e peruanos olham para o mar e, em vez de envergarem do outro lado a China, enxergam a Europa. (RIBEIRO, 1990, p. 23).

Objetivamente, o Memorial da America Latina significa a presença física da latino-americanidade, *tal como a mineiridade está em Ouro Preto, representando Minas Gerais.* (Catalogo, p.25). Originalmente, o projeto foi elaborado com o intuito de latino-americanizar a cidade de São Paulo, na tentativa de diminuir o estigma de cidade estrangeira, eurocentrada. Buscava-se uma consciência crítica em relação ao nosso lugar na esfera global, na tentativa de marcar uma geração no tempo e no espaço, o sonho de uma só América, unida e fraterna, tornando a ganhar novos alentos.

ISBN: 978-85-7205-159-0

> Este salão dos Atos e o coração do Memorial da América Latina. De fato, é ele que justifica a designação Memorial. Aqui, no Espaço catedrático criado pelo gênio Oscar Niemeyer, nós, latino-americanos, homenageamos nossos antepassados e expressamos o orgulho de sermos o que somos- uma gente nova neste mundo. Um novo gênero humano, como disse Simon Bolívar, feito com gentes vindas de toda a terra, para aqui criar, pelo convívio, pela mestiçagem e pelo trabalho, uma síntese nova – se possível melhor – da humanidade (RIBEIRO, 1990, p. 35).

O Instituto de Estudos Avançados e também outros departamentos da Universidade de São Paulo foram grandes parceiros na concepção do projeto cultural do Memorial, nas figuras de Antonio Candido, Alfredo Bosi e Carlos Guilherme Mota, por exemplo. O projeto partiu da premissa de pretender um núcleo com as distintas realidades latino-americanas em toda complexidade do continente, respaldando-se na integração dos países. O Centro Brasileiro de Estudos da America Latina (CBEAL) foi idealizado na mesma ocasião, no intuito de ser um segmento acadêmico do memorial, a princípio reunindo três universidades publicas paulistas USP, UNICAMP e UNESP.

O Memorial procura promover atividades voltadas a propagação da produção cultural latino-americana contemporânea, dentre as quais podemos sublinhar o Festival Latino-americano de São Paulo, Festival Ibero-americano de Teatro. Desde 2006, acontece a Cátedra Memorial da America Latina, com a chancela da UNESCO, que visa a promover o desenvolvimento de temas significativos, por intermédio de estudos sistemáticos das realidades culturais, históricas e políticas dos países latino-americanos. Em 2009, o Memorial lançou a Biblioteca Virtual da América Latina, com o intuito de organizar e divulgar a produção intelectual sobre a região e coordenar mecanismos de acesso e difusão cultural, artística e tecnico-cientifica. A biblioteca Victor Civita recebe todas as pesquisas realizadas pelo PROLAM-USP, sejam mestrados ou doutorados, contando no momento com 480 pesquisas.

Para concluir, vale ressaltar as palavras de RIBEIRO: "*Há muito caminho a ser percorrido, na construção dessa consciência".* (Catálogo Memorial da América Latina,1990, p. 24), Além do Painel dos Povos Indígenas, coube a Poty a criação dos painéis "Os Imigrantes" e "Os Edificadores".

Referências Bibliográficas:

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos** – conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

_____. **A Sociedade sem relato, antropologia e Estética da Iminência**. São Paulo: EDUSP, 2012.

COLEÇÃO ROTEIROS TURÍSTICOS: Poty By Bike. Curitiba: 1ª Edição 2015.

FURRER, Bruno. **Carybé.** Salvador: Fundação Emilio Odebrecht, 1989.

ISBN: 978-85-7205-159-0

MARIOTTO, Gladyz. **Os Murais de POTY, a preocupação social do moco de Curitiba. Cutitiba**: Arché Cultural, 2013.

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA. Coordenação; BISILLIAT, Maureen. São Paulo: Empresa das Artes, 1990.

PEDROSO, Daniela. **Poty-Murais Curitibanos**. Curitiba: Positivo, 2006.

RIBEIRO, Darcy. **A America Latina Existe?** (Darcy de Bolso n°1) Brasília DF: Editora UnB, 2010.

_____. **Falando dos Índios.** (Darcy de Bolso n°5) Brasília DF: UnB, 2010.

_____. **O Povo Brasileiro** – a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Internet:

Fundação Darcy Ribeiro. Disponível em: http://www.fundar.org.br/. Acesso: 08/08/2016.

Memorial da America Latina. Disponível em: http://www.memorial.org.br/. Acesso: 10/07/2016.

Curitiba Space. Disponível em: http://curitibaspace.com.br/poty-lazzarotto/. Acesso: 11/07/2016.